

Jovens não deixarão passar os abusos cometidos por gerações passadas

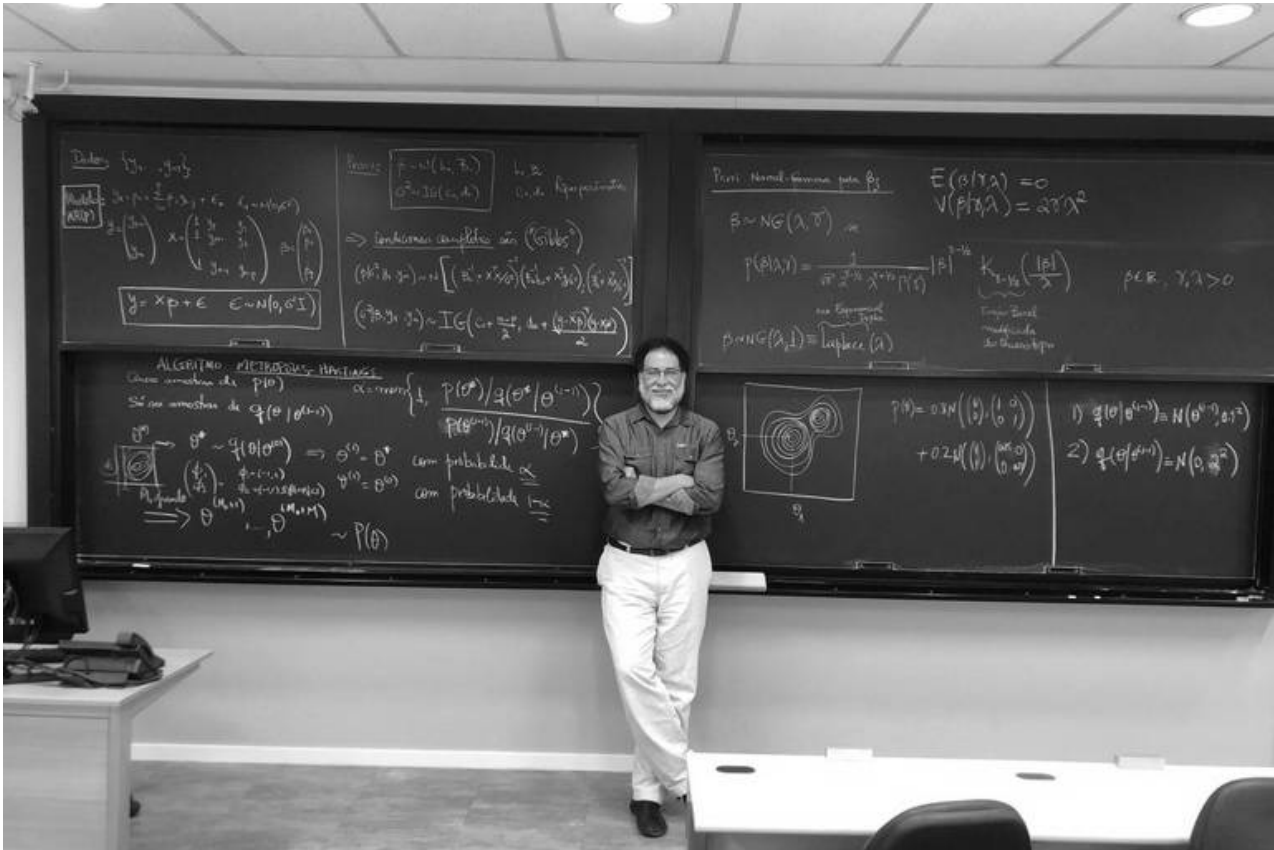
F www1.folha.uol.com.br/blogs/politicas-e-justica/2023/07/jovens-nao-deixarao-passar-os-abusos-cometidos-por-geracoes-passadas.shtml

Hedibert Lopes

14 de julho de 2023



De origem desfavorecida à pesquisador de grande prestígio nacional e internacional, nessa entrevista, Hedibert Lopes detalha os desafios que teve em sua jornada, sugere políticas públicas para lidar com o nosso profundo fosso social e apresenta suas perspectivas em relação aos desafios da sociedade brasileira.



Hedibert Lopes passou os últimos dois anos na Arizona State University (EUA) como professor titular e chefe de departamento de estatística. Antes de se juntar ao Insper, lecionou e pesquisou por uma década na Chicago Booth, a Escola de Negócios da Universidade de Chicago. É também o único brasileiro a se tornar Fellow da Sociedade Internacional para Análise Bayesiana (ISBA, em inglês) - Divulgação

Hedibert Lopes, o que mais te orgulha em ser brasileiro?

Antes de qualquer coisa, gostaria de agradecê-lo pela oportunidade de dividir com você, seus leitores e seguidores um pouco da minha trajetória acadêmico-científica e os caminhos percorridos por um menino que viveu e fez todo seu ensino fundamental na Escola Municipal Raul Pederneiras na comunidade Cidade Alta, no Rio de Janeiro, lá no final da década de 1970 e início da década de 1980. O que mais me orgulha de ser brasileiro é ter tido a oportunidade de ser influenciado por, e ultimamente também influenciar, um montão de gente batalhadora, humilde e solidárias vindas de todas as direções. Essa troca voluntária e sem interesses monetários ou outros benefícios, e que ajuda as classes mais desprovidas a continuar na luta, é o que me faz me orgulhar do Brasil. E, claro, a música brasileira em geral e o samba em particular.

O que mais te entristece em nosso país?

A percepção de que muitíssimo poucos membros da já minúscula classe dominante tenham tanto poder e nenhum interesse em mudar esse poço de desigualdade que vivemos há décadas. O trabalho precário das maiorias das mulheres negras, quase na totalidade chefes-de-família, e a dificuldade em prover educação básica de alta qualidade para nossas crianças são duas tristes realidades que me esbofeteiam diariamente.

Como você avalia o atual governo?

Tenho muitas críticas ao atual governo Lula, em quem sempre que pude votei, desde sua primeira eleição presidencial. Entretanto, não dá tempo ainda de comparar com suas outras presidências. Dito isso, tenho muita esperança em relação as escolhas para economia, educação e direitos humanos, temas completamente abandonados entre 2019 e 2022. Fazendo uma analogia rasa, para mim a atual administração é aquele paramédico que ainda na ambulância te ressuscita e te mantém vivo até a chegada ao hospital. Quem vai estar lá te esperando para continuar os cuidados só será relevante se o paciente chegar vivo. Sob a última (má) administração, quase morremos de um ataque fulminante do miocárdio no sofá da sala de casa.

Em relação aos desafios sociais, como você avalia a mobilidade social brasileira?

Não temos quase nenhuma mobilidade social no Brasil. Quantos outros meninos pobres como eu ou você e que hoje circulam no nosso meio você conhece? Não deveria ser um em cada 10 mil jovens pobres a chegar aonde cheguei. A gente corre 800 metros com barreiras contra "atletas" correndo 800 metros rasos. O desafio maior é melhor estruturar os cuidados coletivos durante a primeira infância, o ensino fundamental e o ensino médio dos nossos jovens, com uma parte desse último sendo técnica. Manter as crianças alimentadas e na escola por pelo menos 15 anos é na minha visão a tarefa número zero.

Em 2017 você escreveu um texto para o Jornal Valor Econômico criticando os números do Banco Mundial em relação à estimativa de cobrança de mensalidades no ensino superior público. Na ocasião, você argumentou que as mensalidades ajudariam pouco a enxugar o orçamento e a lidar com as desigualdades no ensino superior público. No fim, você defendeu a política de cotas. Você acha que deveríamos expandi-la para pós-graduação e para o corpo docente das universidades? Quais seriam as políticas públicas necessárias para avançarmos na direção de um país mais justo e com maiores oportunidades?

Melhor educação básica, desde a creche até o final do ensino médio, com alimentação, vacinação e rotina. Além de inserção do estudante de ensino médio em programas paralelos de aprendizagem avançada (sejam técnicas, sejam acadêmicas). Também acredito que seria fundamental a extensão da política de cotas para as pós-graduações e para admissão de funcionários e professores das universidades públicas federais e estaduais. A presença, nesses ambientes, de mais pretos e pardos, indígenas e representantes de diversas minorias trará novas e importantes demandas e ensinamentos, além de servir como motivação e modelo para os jovens atualmente subrepresentados. Diminuiria, creio, as mais variadas bolhas em que nos encontramos confortavelmente. Obviamente, um leque de iniciativas tem aparecido e se solidificado nas últimas duas décadas, entretanto é preciso torná-las escaláveis para as dimensões brasileiras, sem negligenciar as singularidades regionais desse nosso país continental. Gostaria de encerrar enfatizando que me parece falaciosa a crítica de que ao criarmos cotas estamos diminuindo o nível dos professores/pesquisadores. Esse mesmo

argumento foi usado contra as cotas para alunos e já foi por água abaixo. Estou convicto que também irá por água abaixo pois não creio que o corpo docente e de funcionários que temos hoje seja o supprassumo do que poderíamos ter no Brasil. Acredito que temos uma boa "gordura" para queimar antes de dizer que estamos ficando menos eficientes nas contratações.

Você teve uma origem socioeconômica desfavorecida, contudo, hoje você é um pesquisador com reputação internacional. Como foi esse processo? Quais foram seus maiores desafios?

Foi um processo longo, de amadurecimento precoce, da convivência com a escassez de recursos financeiros, didáticos, culturais, de tempo mesmo e, talvez mais importante, sem a menor chance de vacilo ao longo do processo pois segundas-chances não existem para os menos privilegiados. Existem diversos desincentivos latentes competindo paralelamente para te obstruir e te convencer da sua inabilidade, de que ali não é o seu lugar e, de forma fria e cruel, guiá-lo para caminhos que acabam em empregos precários, benefícios limitados e a impossibilidade de qualquer progressão ou mobilidade social. Foram vários os desafios, mas estudar (cursinho preparatório mais graduação) das 7h às 17h e depois trabalhar entre 18h e 24h como imputador de dados foi o segundo teste mais desafiador. Enquanto trabalhava a noite para ajudar a criar uma filha (isso, fui pai bem jovem; minha filha nasceu no início do 2º ano da minha graduação, em 1988), via meus colegas indo para cursos de informática, natação, música. Mas estudar na UFRJ foi o divisor de águas nesse processo. A inclusão abriu as portas para mim através de bolsas de iniciação científica, depois bolsa de mestrado e finalmente bolsa de doutorado no exterior. Um outro desafio grande, e que acho relevante falar para os mais jovens menos favorecidos e que frequentam as melhores universidades, é o poder intimidatório e paralisante que nos atinge por nos acharmos menores, inferiores. Esse esforço psicológico consome uma boa parte do que seria muito útil para estudar mais, fazer mais "networking", enfim aprender mais. Até hoje, mesmo depois de quase quatro décadas, ainda paira sobre minha cabeça, e em momentos de mais estresse e desafios profissionais, uma nuvem carregada de medos e inseguranças. Então qual o primeiro teste mais desafiador? Ter ficado três anos longe de minha filha, de seus 8 anos aos 11 anos, para fazer o doutorado nos EUA para dar um futuro melhor para ela. Esse foi e é até hoje minha maior dor, minha maior culpa. Mas sou privilegiado pois ela ficou com a mãe muito atenta e carinhosa e com os sempre presentes avós, meus pais. Privilegiado mais ainda quando me dou conta de que se fosse minha mulher, minhas já pequenas chances de ser bem-sucedido minguariam praticamente a zero.

A literatura empírica recente tem destacado os limites da educação na promoção de maior igualdade de oportunidades. O capital social e a discriminação, por exemplo, têm um papel não desprezível nos resultados alcançados nas vidas das pessoas. Nesse contexto, como gerar maior integração em uma sociedade segregada?

Eu realmente não acredito que esperar o altruísmo da ínfima fração dos tomadores de decisão que abarcam mais de 50% de nossa riqueza seja uma opção. Acredito nas cotas universitárias como forma de mitigar problemas centenários que temos, mas também acredito que a transferência de recursos dos mais abastados para os mais pobres via educação, alimentação e saúde é a única maneira que essas políticas públicas terão efeitos reais, visíveis e permanentes. Sem isso, estamos fadados a imobilidade social e a uma sociedade com muitos extremamente pobres e alguns poucos muito ricos. Por exemplo, não faz sentido um Pix ser instantaneamente transferido, enquanto o bilhete único pode demorar até 72 horas para ser recarregado.

Até onde você acha que vai a responsabilidade individual e a coletiva nos resultados atingidos pelos brasileiros?

Precisamos de políticas públicas que ajudem os jovens adultos a buscarem seus melhores individualmente. Como as coisas estão, infelizmente, os jovens batem cabeça e se sentem excluídos e desesperançosos, e acabam se agarrando ao que está mais próximo. E esse mais próximo invariavelmente explora menos o potencial de cada um. O coletivo é o agente agregador, motivador e que guia as massas, mas cada um é dono do seu horizonte e da sua trajetória. Os resultados que atingimos atualmente são pífios e gerações seguidas estão sendo sucateadas.

Dado sua grande experiência internacional, como você vê a diversidade nas universidades americanas e nas brasileiras?

As universidades americanas têm, em geral, uma preocupação muito grande com a diversidade dos seus alunos, tanto de graduação quanto de pós-graduação, e dos seus corpos docentes. Em todos os comitês de contratação de professores e/ou de aceitação de alunos que participei, tanto na Universidade de Chicago quanto na Universidade Estadual do Arizona, a preocupação em enxergar no grupo de candidatos as minorias era quase mandatória. Essa é uma das minhas motivações para imaginar como benéfico um sistema de cotas de professores/pesquisadores também para as universidades públicas.



Hedibert Lopes passou os últimos dois anos na Arizona State University (EUA) como professor titular e chefe de departamento de estatística. Antes de se juntar ao Insper, lecionou e pesquisou por uma década na Chicago Booth, a Escola de Negócios da Universidade de Chicago. É também o único brasileiro a se tornar Fellow da Sociedade Internacional para Análise Bayesiana (ISBA, em inglês). - Divulgação

Agora é hora de falar de música. Ouvi dizer que você tinha um grupo musical chamado "Variáveis Instrumentais" que sacudia as festinhas da Booth School of Business da Universidade de Chicago. É isso mesmo? As festas eram boas? Como o grupo foi criado e de onde surgiu esse nome?

Na verdade, as festinhas promovidas na 5825 South Dorchester Avenue, em Hyde Park, era uma oportunidade de relaxamento dos jovens professores, doutorandos e afins, em geral latino-americanos. Eu (tantam), Rafael (cavaquinho) e Diniz (voz) inicialmente, mais Bárbara (voz) e Marcos (violão), e ocasionalmente Daniel (voz), sempre terminávamos as noites numas rodas de samba antológicas. "The Instrumental Variables" foi uma brincadeira minha e que colou, afinal éramos a maioria doutorandos da economia. As melhores festas eram as que aconteceram durante a copa do mundo de 2006. Em alguns jogos, eu contei 45 pessoas no apartamento (que tinha um pátio onde fazíamos o famoso churrasco do Volnei). Meu momento mesquinho foi ter proibido franceses no dia do jogo contra a França, mas como dizem os franceses "c'est la vie!" ou os americanos "what the heck!". Daqueles tempos, o melhor foi ter conhecido Maria, minha parceira em tudo desde então.

Existe alguma música que está mexendo contigo atualmente? Você tem algum estilo de música preferido?

Fomos recentemente ao show do Titãs e ao tributo ao Ney Matogrosso. Apesar das diferenças entre eles, "Bichos Escrotos" e "Por Debaixo dos Panos" são duas músicas que não saem da minha cabeça recentemente. "Volver A Los 17" cantada por Violeta Parra também mexe comigo pelas agruras que passam os países latinos e pelo potencial que temos todos.

Por fim, gostaria de deixar alguma mensagem de esperança para os nossos leitores?

Sempre! Como educador, sempre tento olhar pelas lentes das novas gerações. Vejo uma geração cheia de conflitos, como todas, mas também que não mais deixará passar abusos que minha geração sofreu e causou. Onde veem nos jovens o imediatismo, eu vejo também a pouca paciência para a embromação. Tenho esperança de ver uma geração de fato multidisciplinar, multifacetada e menos carregadas de pré-conceitos. E tenho esperança de que alguns sejam Bayesianos, como eu.

★

O editor, Michael França, pede para que cada participante do espaço "Políticas e Justiça" da **Folha** sugira uma música aos leitores. Neste texto, a escolhida por Hedibert Freitas Lopes foi "Esperanças Perdidas", de Os Originais do Samba.